

O BERRO DO CORDEIRO EM NOVA YORK

Edição comemorativa



Tereza Albues

O BERRO
DO CORDEIRO
EM NOVA YORK

 **entrelinhas**

CUIABÁ, 2019

Copyright © 2019 by Tereza Albues e herdeiros
Todos os direitos desta edição reservados à Entrelinhas Editora.

EDITORA | DESIGNER
Maria Teresa Carrión Carracedo

REVISÃO
Marinaldo Custódio

ARTE-FINALIZAÇÃO
Maike Vanni

OBRA DA CAPA E DETALHES DO INTERIOR
Sem título, da série *Abstrações*,
desenho digital com os dedos, no app SketchBook Pro para iPad,
Regina Pena (2016)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Albues, Tereza
O berro do cordeiro em Nova York / Tereza
Albues. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas, 2019.

“Edição comemorativa aos 25 anos da
Entrelinhas Editora”
ISBN 978-85-7992-131-5

1. Ficção brasileira I. Título.

19-29975

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira B869.3
Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014



Av. Senador Metelo, 3773, Jardim Cuiabá | CEP 78030-005 | Cuiabá/MT
Tel.: (65) 3624 5294 / 3624 8711 | editora@entrelinhaseditora.com.br
www.entrelinhaseditora.com.br

Para meus pais
Veridiano
e Benedita
(in memoriam)



“Temos muitos rios correndo
dentro de nós, cada qual
com sua natureza, podemos
submergir ou flutuar,
dependendo de como lidamos
com suas águas.”

Benjamin Barbudo







Prefácio

Gerald Thomas¹

Tereza Albués é uma escritora fenomenal. E como todo gênio, ela falava de coisas que são traumas e traumas tristes tornadas pesadelos. Por isso penso nela todos os dias. A vejo na minha frente como uma visão do futuro, uma vidente de pequenas e grandes causas, ora segurando a minha mão, ora segurando exemplares de sua literatura, como se guiada por Shakespeare. Sim, Tereza e o berro derradeiro, não a do quadro de Munch, mas algo impresso em King Lear. Na verdade ela foi a “anti-Shakespeare” — ou melhor dizendo — talvez ela tenha sido o *Caliban* em *A Tempestade*.

Tereza e eu não éramos casados. Não éramos amantes e nem namorados. Tereza e eu éramos mais que isso.

1 Diretor de teatro e ópera e dramaturgo de carreira internacional e polêmica, predominantemente nos Estados Unidos, Inglaterra, Brasil e Alemanha. Gerald nasceu no Rio de Janeiro, em 1º de julho de 1954; vive entre Nova York e os Alpes Suíços. Após graduar-se em Filosofia no Museu Britânico, começou sua vida no teatro em La MaMa, de Ellen Stewart, na cidade de Nova York. Durante esse período, Thomas tornou-se ilustrador da página de opinião do *The New York Times* enquanto conduzia *workshops* no La MaMa, onde ele adaptou e dirigiu estreias mundiais da prosa e das peças dramáticas de Samuel Beckett. No início dos anos 1980, Thomas começou a trabalhar com o próprio Beckett em Paris, adaptando a nova ficção do autor. Destes, os mais notórios foram *All Strange Away* e *That Time*. Em meados dos anos 1980, iniciou uma longa parceria com o compositor norte-americano Philip Glass. Em 1985, Thomas formou e estabeleceu sua Companhia de Ópera Seca, em São Paulo e desde então se apresenta em mais de 15 países. Publicou *Encenador de Si Mesmo* (Perspectiva, 1996); *Flash and Crash Days*, em colaboração com o crítico David George (Garland Pub, 1999); *Nada prova Nada!* (Record, 2011); *Scratching the surface* [Arranhando a superfície] (Cobogo, 2012); *Cidadão do mundo*, com Edi Botelho (Imesp, 2012); e sua autobiografia *Gerald Thomas: Entre duas fileiras* (Record, 2016).

Muitos chamam essa conexão de **cósmica**. Tereza Albues, a **Caliban-Cósmica**. Nada mal.

O berro do cordeiro em Nova York é a cara da Tereza. É também a tua cara, leitor. Arrisco a dizer que o tal do “universo literário” tenha ligeiro parentesco com o **surrealismo latino-americano** ou com o **realismo mágico** (título conferido a Gabriel García Márquez), mas, no fundo, não é nada disso. Nada disso.

Naquela noite eu dormia um sono agitado, pesadelos, um homem de terno branco, botas negras, expressão cruel, balança a minha rede com tamanha velocidade que eu me agarro aos punhos pra não cair, abro os olhos, já estou no chão. Fui jogada fora da cama, corro e fico debaixo do portal conforme as instruções que todo morador de San Francisco deve observar quando um terremoto se aproxima. Pronto. Passou. Tão rápido que nem tive tempo de encomendar a alma a Deus. Em segundos um pensamento único cruzou minha mente: no Brasil não tem terremotos, será que é meu destino morrer desta maneira? Era nada.

Discordo. Tereza escreve que o Brasil não tem terremotos. Tem sim: tem você, Tereza, tem Hélio Oiticica, Haroldo de Campos e Caetano.

Esse terremoto literário nos revela a mulher selvagem, parecendo uma nativa norte-americana ou uma índia sul-americana com cabelo crespo. **CENTO E TRÊS MIL anos de solidão**; seu depoimento é lírico e poético como quem observa tudo (digo, tudo), e, assim como uma pedra cigana sustentada pela lama do Mar Morto, ela se enxerga e é enxergada assim como o processo “Hamlet”, um “Caso Hamlet”, se fôssemos falar de Nietzsche. Mas, não. Nietzsche não.

Por que eu menciono autores que são e não são, que lembram ou não os escritos de Tereza Albues — como García Márquez, Shakespeare ou Nietzsche? — Talvez porque a união entre fábula, parábola e o intenso mundo urbano de seus escritos peça isso.

E ainda existe a tragédia real: o ataque de 11 de setembro, que foi o que nos ligou.

11 de Setembro nos uniu

Um certo dia, logo após os ataques de 11 de setembro, ela me telefonou. Pegou meu e-mail debaixo da coluna que eu assinava pra um jornal e me procurou. Trocamos telefonemas. E quando desligamos, parecia a coisa mais natural do mundo. Natural?

Robert Eisenstat, seu marido, arquiteto que trabalhava no Port Authority, instalado no World Trade Center, havia sobrevivido ao ataque e à queda das torres. Saiu andando e jamais olhou pra trás. Atravessou a Brooklyn Bridge e chegou em sua casa em Park Slope, três horas mais tarde. Sapatos ensanguentados e a roupa em trapos empoeirada, ele só disse uma palavra ao entrar em casa: “Quero tomar banho”.

O impacto inicial passou.

Tereza e eu nos “grudamos”. Mas... em 3 de janeiro de 2005, telefonei para a Autoridade Portuária em sua nova sede temporária em Nova Jersey e pedi para falar com Robert. Sem sucesso. Enviei inúmeros e-mails, e ele finalmente respondeu:

Oi. Ouça, ainda há alguma esperança. Estamos tentando esse cara alternativo que parece estar fazendo boas coisas, mas o câncer se espalhou por toda parte, e Glorinha (irmã dela) está aqui. Tenho de enterrar minha mãe, que acabou de morrer.

Estava na hora de eu embarcar naquele avião de sempre de volta para o Brasil e retomar os ensaios de **Circo de Rins e Fígados** que eu escrevera pra Marco Nanini.

Finalmente, depois da estreia do espetáculo, em meados de 2005, eu voltei pra Nova York. A peça foi um sucesso sem prece-

dentes em minha carreira. Eu queria que Tereza soubesse. Telefonei. Sem resposta.

“Não o perturbem. Não digam nada”, era a ordem que ela havia dado aos amigos. Imaginem que loucura! Era a meu respeito que falava.

Ao chegar ao JFK, liguei para o celular de Robert do avião, antes mesmo de chegar ao portão.

— Ouça, Gerry, ela não queria que você soubesse, mas não conseguia mais suportar a dor. Nem a morfina ajudava mais... Ela faleceu há algumas horas.

Eu não entendia nada. Mesmo não entendendo, eu chorei tanto quanto o Cordeiro em Nova York dela chorou. Com Tereza Albués não se sabe se vivemos a vida no sentido cronológico ou ao avesso.

Não me lembro do que fiz naquela hora. O movimento mais instintivo teria sido o de me apalpar e segurar a pedra (uma pedra linda com um furo no meio), a pedra abençoada por ela, no altar dela, quente ainda como sempre. E segurando essa pedra eu... saí do aeroporto Kennedy e fui direto para a casa deles. O corpo de Tereza acabara de ser removido. Robert, Glorinha, alguns amigos e as crianças estavam sentados na varanda. Eu estava sem palavras e em lágrimas, exatamente como estou agora, escrevendo isto.

Na casa deles, eu procurava o cheiro do assado de tempos atrás. Como era normal nos finais de semana, Tereza assou um fantástico porco com farofa. As crianças vieram, pegaram sua comida e partiram, e o schnauzer barulhento continuou a latir. “Vem aqui?”. Claro. Sempre fui.

E agora, com o corpo dela recém-removido, eu procurava o cheiro daquele assado.

Fábula, parábola e o intenso mundo urbano

O destino pode ser igual para todos nós: observando pessoas, a maioria delas, criando armadilhas para si mesmas, defendendo o

seu poder e sua posse material ou simplesmente revoltadas contra tudo isso e, portanto, sofrendo do prototípico aspecto do **eterno estrangeiro** ou **eterno estranho intrometido** (como o masterpiece de Shakespeare). Um prolongado “**ser ou não ser**”.

“O berro do cordeiro em Nova York” é um ser em estado alterado da mente.

“Sou uma criança com dois anos, choro de dor de barriga, tenho um novelo de vermes nas tripas, visível pelo volume e movimento que fazem na pança inchada, sinto cólicas infernais, berro... Tão alto que me ouvem nas ruas de Nova York, as velhinhas de chapéus floridos, terninhos impecáveis [...]: — Por que não dão uma mamadeira de suco de maçã para essa menina?”.

Pode-se dizer que esse “Ser ou não ser” povoa a mente de qualquer e todo artista. Sim, pode-se dizer isso. Mas são raros aqueles que transgridem essa questão, essa meta e transformam sua obra numa gigantesca metalinguagem de ações.

Aqui, em **O berro do cordeiro em Nova York**, os estilos espelham o outro, espelham também o antiespelho — assim como o espelho visto por um ser indígena. Os dois, Tereza e Hamlet, numa odisséia literária que concluem um drama com um berro ou um silêncio; um berro sepulcral, um silêncio sepulcral tendo sido testemunha de um mundo onde as pessoas viveram de complôs e, por causa deles, lutaram, mataram uns aos outros e sofreram com a intervenção divina ou simplesmente a do tempo. Ela quis construir um mundo melhor. Muitos querem somente sair de mãos lavadas.

Nesse testemunho, Tereza Albues nos conta o que é o destino.

“Pronto. Passou. Tão rápido que nem tive tempo de encomendar a alma a Deus”, ela escreve. Ah sim, o destino de uma vida de pessoas cósmicas, habitando parágrafos desse mundo do realismo

mágico ou surreal: pessoas como todas as outras. Vulneráveis a erosão, a corrosão das próprias palavras e vulnerável a eventos trágicos.

Me deram. Lombrigueiro. Mas o efeito ainda demora, os bichos resistem, não querem ser expulsos do ventre morno, reforçam a ninhada, me torturam sem piedade, até quando? Eternamente, se ao escrever sinto as fígadas e do alívio não me recordo.

Não, não são os coveiros conversando e, muito menos, Yorik monologando.

Meu Deus, quanta memória. Tereza e eu não éramos casados. Não éramos amantes e nem namorados. Tereza e eu éramos mais que isso. Não me canso de repetir.

Aterrissei. Sem querer. Sobrevoando Manhattan, fui espetada pela ponta da antena prateada que fica no topo do Empire State Building. Debatí-me, pedi socorro, gemi, ninguém me ouviu ou não me deram ouvidos, quem se importa com os infortúnios numa borboleta estovada? Quem mandou você voar tão perto da torre?

Fui espetado também, Tereza. Não pelo Empire State Building, mas por você, pela tua escrita, por tudo aquilo que você foi.

Tenho vivido experiências incríveis que vão se incorporando à minha trajetória de andarilha. Em Moscou tomei um porre de vodka e terminei cantando de madrugada na Praça Vermelha, os soldados de plantão carregando pesados fuzis, cara fechada, olhar interrogativo, como foi que essa mulher tostada de sol veio despencar na Rússia? Chamem a KGB!

Se esses parágrafos não são o próprio Oswald te dando um tapa na cara ou um Guimarães Rosa se equilibrando em cima de uma breve névoa jogada no palco ou no recinto... para que... para

que... essa chama **cósmica**, Tereza Albues, **a Caliban-Cósmica** do universo literário, acenda uma fogueira para nós, nós mesmos, seus leitores, amigos, parentes e xamãs, nós, luzes num céu aberto assim como uma página de **O berro do cordeiro em Nova York** aberta e, aos sussurros nos convidando para um assado, íntimo e desnudado, deslumbrante e jamais acabado.

Gerald Thomas

New York – July 17, 2019

Um romance arrebatador²

Ênio Silveira¹

Em certo ponto deste livro, a narradora nos diz: “Comecei a escrever em San Francisco. Meu primeiro romance traz o frescor de chuvas molhando o cerrado, as pessoas me perguntando, como é que pode, você tão longe e tão presente? Embora pareça paradoxal, é isso o que acontece. A pessoa se distancia e vê com mais clareza, lê com mais nitidez o seu interior, avalia a bagagem de experiências armazenadas durante anos, sente necessidade premente de se comunicar com o mundo. Talvez inconscientemente que irá defender ou preservar aquilo que traz dentro de si, tem medo que se perca ou tome outras feições em contato diário com a nova cultura. Não sei ao certo. Mas a força que me impulsionava a passar para o papel as minhas lembranças era tão poderosa que eu não podia resistir...”.

1 Texto do editor Ênio Silveira (1925-1996) à primeira edição de *O berro do cordeiro em Nova York*, publicada pela editora Civilização Brasileira, do Rio de Janeiro, em 1995, tendo como ilustração de capa o quadro *Summertime* (1943), de Edward Hopper (Delaware Art Museum, Wilmington). Ao longo da vida Silveira publicou cerca de 6 mil obras. Formou-se em Ciências Sociais pela USP e em Editoração pela Universidade Columbia, nos Estados Unidos. Começou sua carreira como integrante da equipe de Monteiro Lobato na Companhia Editora Nacional. A partir dos anos 1950 dirigiu a Editora Civilização Brasileira, que em suas mãos se tornou uma das maiores do Brasil. Entre 1964 e 1969 foi preso sete vezes pela resistência democrática que liderava no campo editorial. Ênio Silveira lançou, entre tantos outros autores, Dias Gomes, Antonio Callado, Carlos Heitor Cony, Fernando Sabino, Stanislaw Ponte Preta, Dalton Trevisan, Nelson Werneck Sodré, Leandro Konder. Da literatura universal, publicou James Joyce, Brecht, Cortázar, Fitzgerald, Kafka, Faulkner e apresentou ao país as obras de Marx, Engels, Gramsci, Lukács. A forma como publicou o livro “Poema Sujo”, que Ferreira Gullar gravou no exílio na Argentina em uma fita, levada a Silveira por Vinícius de Moraes durante a ditadura, ilustra o seu atrevimento como editor. Com a sua morte, a editora foi absorvida pelo Grupo Record.

A leitura de *O berro do cordeiro em Nova York* nos comprovará que a autora foi extremamente feliz — e exata — ao definir seus trabalhos literários: eles são, sem dúvida, fruto de dramático contraponto entre rica experiência vivida e a progressiva incorporação de normas e condutas de outra cultura, de outro modo de ser, de outras reações diante das alegrias e tristezas da existência.

Rachel de Queiroz, em entrevista recentemente concedida a um jornal do Rio de Janeiro, diz que “Todo livro é autobiográfico, ou, pelo menos, autoconfessional, porque você só tem a sua experiência como base. Seu material é você e todas as experiências dos seus personagens”. O romance da mato-grossense Tereza Albues não foge a essa regra, sendo até enfático no que toca à confirmação de tal conceito.

São tão fortes as raízes que a prendem a um cenário de riqueza natural exuberante, tão intensas as lembranças dos dramas familiares e pessoais que emanam da coisificação dos seres humanos, num tipo de sociedade em que o poder de grandes proprietários rurais estabelecia as regras do jogo e impunha aviltante pobreza a seus vassalos, que a narradora frequentemente sente ganas de berrar, de liberar onde quer que esteja o grito primevo que das entranhas lhe vem à garganta, mesclando dor e desafio, frustração e ódio, angustiada desprezo e discutível vitória...

Tereza Albues consegue um grande feito literário: sua prosa toma conta de nós e, com a força incontável de uma corredeira, leva-nos a percorrer em arrebatadora velocidade um percurso existencial repleto de paixão e fúria, significando muito...





UM

Minha mãe me pariu de pé, tanta pressa tinha eu de vir ao mundo que não lhe dei tempo de voltar à rede de onde se levantara minutos antes para ir ao banheiro. Não fosse a parteira entrar correndo e me aparar com mãos experientes a minha cabeça teria se estatelado no chão de tijolos vermelhos. Não sei se este é o ponto certo para começar minha história, mas como tudo principia com o nascimento, não vejo por que não registrá-lo especialmente pela maneira extravagante como sucedeu. Repito o que me contaram, disso não me recordo, acredito. Pretendo aqui contar as lembranças sem preocupação cronológica, observações e experiências que me parecem importantes, uma cadeia de fatos saltando do esconderijo da memória à medida que sua revelação vai se incorporando na trajetória do discurso que não busco seja linear. Cortes profundos se impõem no correr das ideias, projeções, fotografias, a carne lanhada, o cerne da vida, há que se desnudá-lo. Vejo diante de mim uma harpa de madeira trabalhada, puxo uma corda que não sei se de seda ou metal, o som estilhaça o silêncio, dele brota a voz que deseja se manifestar, não há uma ordem do que veio primeiro, o tempo foi abolido, as cores das passagens vêm da emoção, da paixão com que foram ou estão sendo vivenciadas, nelas o tom e o andamento se movem frenéticos, lânguidos, delicadeza e violência conforme a natureza do momento a florado. As etapas se sucedem, se superpõem num espaço real ou mítico ao balanço de gangorra, corda bamba, cenários mutantes. o mergulho

nas águas desconhecidas do inconsciente traz a mulher, a criança, a adolescente, suas descobertas, derrotas, vitórias, fraquezas, fantasias, dúvidas, certezas temporárias. Salto do trampolim, apanho no ar rostos, pernas, braços, um olhar, um sorriso, corpo inteiro de pessoas que da minha vida partilharam, quero que elas venham comigo nesta saga que não sei onde começa, que diria do fim? Nado na superfície calma do lago que inventei para tomar fôlego, coragem, sei que de dor e confrontação este livro será pontilhado. Por isso preciso de companhia. Por que não? Sou uma criança com dois anos, choro de dor de barriga, tenho um novelo de vermes nas tripas, visível pelo volume e movimento que fazem na pança inchada, sinto cólicas infernais, berro, tenho as faces arroxeadas, berro, ainda não sei falar, papai me carrega e anda comigo pelo quarto tentando me acalmar, continuo berrando. Tão alto que me ouvem nas ruas de Nova York, as velhinhas de chapéus floridos, terninhos impecáveis, cabelos tingidos, lábios vermelho-carmim, colocam a mão em concha nos ouvidos, assuntam, inquirem, por que não dão uma mamadeira de suco de maçã para essa menina? Me deram. Lombigueiro. Mas o efeito ainda demora, os bichos resistem, não querem ser expulsos do ventre morno, reforçam a ninhada, me torturam sem piedade, até quando? Eternamente, se ao escrever sinto as fisgadas e do alívio não me recordo.

Morávamos no sítio do Cordeiro num rancho com teto de palha, paredes de adobo, chão de terra batida. Mamãe, papai, eu e meu irmão Gabriel, quatro anos de idade. Esqueci de dizer que nasci na Várzea Grande, numa casa branca, portas e janelas azuis, telha colonial escurecida pelo tempo. Logo depois mudamos para Cordeiro, eu ainda recém-nascida. Papai trabalhava na lavoura, o dono do sítio não pagava salário, dava a meu pai o “direito” de ter a própria roça e moradia para a família, em troca do cultivo de suas terras, levantamento de cercas, tratamento do gado, galinhas e porcos. Trabalho pesado, nenhuma garantia, o patrão podia despedi-lo quando cismasse. O resultado minguaço da pequena roça somado à venda de alguns porcos gordos eram o sustento da família, roupas,